

## A FALA DO POVO BOA-VISTENSE: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Luzineth Rodrigues MARTINS (UFRR)<sup>1</sup>  
Elecly Rodrigues MARTINS (UERR)<sup>2</sup>  
Maria do Socorro Melo ARAÚJO (UFRR)<sup>3</sup>

**Resumo:** Roraima está localizado em tríplice fronteira e tem cenário geolinguístico muito propício à pesquisa pela sua composição geográfica e populacional. Boa Vista, a sua capital, é a única capital brasileira situada no hemisfério norte, acima da linha do equador e abriga aproximadamente 413.486 mil habitantes, população formada por pessoas de todos os estados brasileiros, indígenas de várias etnias e imigrantes, especialmente da Venezuela e do Haiti. Diante desse cenário que se apresenta em Roraima, um trabalho científico sistemático sobre a realidade sociolinguística do povo roraimense torna-se relevante para compreensão do meio social em que se vive. Dessa forma, o Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociolinguísticas de Roraima – NEPSol coordenado pela professora Luzineth Rodrigues Martins, da Universidade Federal de Roraima realiza pesquisas dialetológicas que denotam a pluralidade sociocultural, especialmente as regionais. O trabalho ora apresentado é resultado do projeto de pesquisa “Mapeamento Geolinguístico da fala do povo boa-vistense”, que se caracteriza como um recorte de um macro projeto denominado “Roraima, quem és tu: caminhos para a construção do Atlas Linguístico de Roraima-ALiRR”. Esse mapeamento geolinguístico está sendo realizado em seis bairros de Boa Vista e considera o número de habitantes, a localização geográfica e o distanciamento entre eles. Trata-se de um trabalho dialetológico que utiliza mesmo método do Comitê do Atlas Linguístico Brasileiro (ALiB): aplicação de questionários fonético-fonológico (QFF) com questões de prosódia; aplicação de questionários semântico-lexical (QSL); aplicação de questionários questionário Morfossintático (QMS) com questões de pragmática e metalinguística O aporte teórico da pesquisa ancora-se na literatura relacionada às áreas de Sociolinguística e Dialetologia, a saber: Comitê nacional do projeto ALiB (2001), Aguilera (2005, 2006), Cardoso (2010), Cardoso et al. (2014) Razky e Farias (2012), Mota, Cardoso e Paim (2012) entre outros. Neste trabalho, faz-se apenas algumas considerações iniciais sobre o projeto, fruto de análises da pesquisa piloto realizada na cidade de Boa Vista, com a apresentação de dados preliminares da fala do povo boa-vistense sobre três processos fonético-fonológicos: monotongação, ditongação e palatalização. Esses fenômenos não são marcas do falar específico de Boa Vista, visto que em outros estados do país o processo também ocorre com regularidade, o que parece comprovar a hipótese inicial da pesquisa de que a variação linguística falada pelo povo boa-vistense pode ser semelhante à que ocorre em alguns estados da região nordeste, como o Maranhão, o Piauí e o Ceará, estados de origem do maior percentual de migrantes no Estado. Apesar de apresentar dados preliminares, espera-se contribuir para a oferta à comunidade científica e à sociedade de um retrato do modo de falar do povo boa-vistense, visando o preenchimento da grande lacuna que há nos estudos dialetológicos sobre Roraima.

**Palavras-chave:** Dialetologia; Geolinguística; Atlas linguístico; Boa Vista-RR.

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília. Professora da área de Sociolinguística dos cursos de Letras da Universidade Federal de Roraima – UFRR. E-mail: luzineth.martins@ufr.br

<sup>2</sup> Doutora em Linguística e língua portuguesa pela UNESP/Araraquara. Professora do curso de Letras da Universidade Estadual de Roraima – UERR. Email: elecly.martins@uerr.edu.br

<sup>3</sup> Doutora em Linguística e língua portuguesa pela UNESP/Araraquara. Professora do curso de Letras da Universidade Estadual de Roraima – UERR. E-mail socorro.araujo@uerr.edu.br

**Abstract:** Roraima is located on a triple border and has a geolinguistic scenario that is very conducive to research due to its geographic and population composition. Boa Vista, its capital, is the only Brazilian capital located in the northern hemisphere, above the equator and is home to approximately 413,486 thousand inhabitants, a population made up of people from all Brazilian states, indigenous peoples of various ethnic groups and immigrants, especially from Venezuela and from Haiti. Given this scenario that is presented in Roraima, a systematic scientific work on the sociolinguistic reality of the people of Roraima becomes relevant for understanding the social environment in which they live. In this way, the Nucleus of Sociolinguistic Studies and Research of Roraima – NEPSol coordinated by professor Luzineth Rodrigues Martins, from the Federal University of Roraima, carries out dialectological research that denote sociocultural plurality, especially regional ones. The work presented here is the result of the research project Geolinguistic Mapping of the speech of the people of Boa Vista, which is characterized as a part of a large project called Roraima, who are it: paths for the construction of the Linguistic Atlas of Roraima-ALiRR. This geolinguistic mapping is being carried out in six neighborhoods of Boa Vista and considers the number of inhabitants, the geographic location and the distance between them. It is a dialectological work that uses the same method as the Brazilian Linguistic Atlas Committee (ALiB): application of phonetic-phonological questionnaires (QFF) with prosody questions; application of semantic-lexical questionnaires (QSL); application of questionnaires Morphosyntactic questionnaire (QMS) with questions of pragmatics and metalinguistics. The theoretical support of the research is anchored in the literature related to the areas of Sociolinguistics and Dialectology, namely: National Committee of the ALiB project (2001), Aguilera (2005, 2006), Cardoso (2010), Cardoso et al. (2014) Razky and Farias (2012), Mota, Cardoso and Paim (2012) among others. In this work, only some first considerations are made about the project, the result of analyzes of the pilot research carried out in the city of Boa Vista, with the presentation of preliminary data of the speech of the people of Boa Vista on three phonetic-phonological processes: monophthongization, diphthongization and palatalization. These phenomena are not hallmarks of the specific speech of Boa Vista, since in other states of the country the process also occurs regularly, which seems to prove the initial hypothesis of the research that the linguistic variation spoken by the Boa Vista people may be similar to the which occurs in some states of the northeast region, such as Maranhão, Piauí and Ceará, states of origin of the highest percentage of migrants in the State. Despite presenting preliminary data, it is expected to contribute to offering the scientific community and society a portrait of the way of speaking of the Boa Vista people, aiming to fill the large gap that exists in dialectological studies on Roraima.

**Keywords:** Dialectology; Geolinguistics; Linguistic Atlas; Boa Vista-RR.

## Introdução

Estudos sobre a linguagem têm se desenvolvido a partir das contribuições de diversas áreas, pois esta é um importante mecanismo que o ser humano dispõe para a organização socioeconômico-política e cultural da sociedade. É na linguagem que identificamos e diferenciamos cada comunidade, uma vez que por ela percebemos a inserção do indivíduo em diferentes agrupamentos, estratos sociais, faixas etárias, gêneros e grau de escolaridade. Nesse contexto, a língua e a fala são fatores preponderantes para o conhecimento e análise das ações humanas, por isso, pesquisas que têm o foco na língua e suas variedades dialetais são de grande relevância para o reconhecimento e a construção da identidade linguística nacional e do patrimônio cultural do povo brasileiro. Em tempos de resgate da valorização das diferenças sociais como fator de riqueza cultural de um povo, estudos com este fundamento teórico-metodológico encontram muitos pesquisadores adeptos no Brasil.

Em quase todos os estados brasileiros, dados sobre o uso da língua converteram-se ou estão se convertendo em publicação de trabalhos e de atlas linguísticos (estaduais ou de pequeno domínio) e em alguns casos, esses mapas, mesmo com metodologia diferenciada do proposto pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, promovem a construção de um panorama linguístico do Brasil. Tais pesquisas auxiliam a construção de mapeamento geolinguístico de todo o país por meio da produção de Livros de Atlas Linguístico. Além disso, as informações coletadas em pesquisas dessa natureza formam um banco de dados sobre a fala da população pesquisada e podem dar subsídio a inúmeros trabalhos na área da Linguística e da educação de modo geral.

Baseados nos pressupostos da Sociolinguística e da Geolinguística, pretende-se estudar a relação do homem com seu espaço sócio temporal, na perspectiva da diversidade linguística existente em Boa Vista, Roraima. Nesse sentido, a Sociolinguística fornece elementos para a análise da língua numa conjuntura social, enquanto a Geografia linguística corrobora no sentido da abordagem da língua a partir das relações que se estabelecem com esta ou aquela região. O método de pesquisa da geolinguística consiste na descrição das falas regionais e vale-se do registro descritivo de cada forma vocabular num dado território e considera o dialeto como forma divergente de uma mesma língua comum, compartilhando da ideia de que a língua é um fenômeno vivo, e que, portanto, é passível de modificações diversas. Os estudos pautados no modelo geolinguístico contribuem para que se conheçam as variedades da língua e a história dos sujeitos usuários desta.

Neste trabalho, faz-se uma apresentação inicial do projeto e volta-se a atenção aos processos fonético-fonológicos do português brasileiro: a monotongação a ditongação e a palatalização. Mas, finalizada a pesquisa, espera-se que ela possa refletir positivamente no contexto educacional de Roraima e de todo o Brasil, haja vista que os resultados de trabalho sobre o modo de falar do povo brasileiro podem converter-se na publicação de materiais didáticos para subsidiar os estudos da língua portuguesa falada em cada estado e de modo geral, no Brasil.

Acredita-se que o falar do boa-vistense é heterogêneo e diversificado, sobretudo no campo semântico-lexical e que essa heterogeneidade é evidenciada, principalmente pelos indivíduos mais velhos e com pouca escolarização. Acredita-se também que a variação linguística falada pelo povo boa-vistense é semelhante à que ocorre em alguns estados da região nordeste, como o Maranhão, o Piauí e o Ceará, origens do maior percentual de migrantes no Estado.

Para apresentar o estágio atual do mapeamento geolinguístico da fala do boa-vistense, este texto está organizado da seguinte forma: a seção 1 apresenta breve contextualização de Boa Vista, *locus* da pesquisa. A seção 2 situa o projeto de pesquisa no escopo do Núcleo de Estudos e Pesquisas sociolinguísticas de Roraima. A seção 3 apresenta a metodologia da pesquisa proposta pelo ALiB e a prospecção dos próximos passos do estudo. A seção 4 apresenta os aspectos fonético-fonológicos em destaque. Encerra-se com as considerações, seguidas das referências bibliográficas utilizadas.

### **Breves considerações sobre Boa Vista, a capital de Roraima**

Boa Vista, a capital do estado de Roraima, é a mais setentrional do Brasil, ou seja, tem como peculiaridade ser a única capital brasileira localizada totalmente ao norte da linha do Equador e foi um dos primeiros povoamentos situados no extremo norte do território brasileiro. Segundo Freitas (1998), Veras (2009) e Galdino (2017), Boa Vista se originou da sede de uma fazenda estabelecida no século XIX. Em torno da sede da fazenda, chamada Boa Vista do Rio Branco, surgiu um pequeno povoado, a Freguesia de

Nossa Senhora do Carmo, que durante anos foi o único povoado em toda a região do alto Rio Branco. Em 1890, foi elevado à condição de vila e em 1926 passou a ser município, adotando o nome da antiga fazenda, Boa Vista. Com a criação do Território Federal de Roraima, em 1940, a cidade foi escolhida para ser a capital e vivenciou um período de intensa reforma urbana por meio da implementação de traçados urbanísticos modernos e tecnicamente planejados. A criação oficial do estado de Roraima, em 1988, também contribuiu para a modernização do município. O crescimento da cidade foi balizado, ainda, para além das questões políticas e urbanísticas, pela chegada de muitos migrantes, com destaque para nortistas e nordestinos.

Situada à margem direita do Rio Branco, Boa Vista é formada, assim como todo o estado de Roraima, por habitantes de todos os estados brasileiros, indígenas de várias etnias e imigrantes, especialmente, da Venezuela e do Haiti - povos refugiados devido à condição econômica e social de seus países. Segundo o IBGE, a área total do município é de 5687,037 quilômetros quadrados, com uma densidade de 72,71 habitantes/quilômetro quadrado. Sua população é de 413.486 habitantes, o que corresponde a dois terços da população de Roraima. Sua economia é baseada no setor terciário, sendo o comércio e os serviços os principais ramos da economia municipal.

**Figura 1** - Foto do traçado urbanístico de Boa Vista



Fonte: [https://pt.everybodywiki.com/Ficheiro:Centro\\_c%C3%ADvico\\_de\\_Boa\\_Vista.jpg](https://pt.everybodywiki.com/Ficheiro:Centro_c%C3%ADvico_de_Boa_Vista.jpg).2023

A cidade de Boa Vista, segundo Freitas (1998) e Morais e Veras (2014) e Veras (2009) se destaca pelo traçado urbano organizado de forma radial, planejado entre 1944 e 1946 pelo engenheiro civil Darcy Aleixo Derenusson e, assim como diversas cidades brasileiras, esse traçado tem forte influência europeia e naturalmente, inspirada nas ruas e avenidas de Paris e também em uma das primeiras cidades projetadas do país, Belo Horizonte. As principais avenidas do Centro da cidade convergem para a Praça do Centro Cívico Joaquim Nabuco, onde se concentram as sedes dos poderes executivo, legislativo e judiciário estaduais, além de pontos culturais, hotéis, bancos, correios e a igreja Catedral Cristo Redentor.

Segundo os autores mencionados, Boa Vista é considerada uma cidade pouco povoada e é uma das menores capitais estaduais em população do Brasil. No entanto, o crescimento da população boa-vistense, nos últimos anos, tem sido constante devido ao grande fluxo de imigrantes e refugiados venezuelanos que se instalam na cidade, fato

comprovado pelo censo 2022, que apontou um aumento de 45,43% da população em relação ao censo de 2010. O índice de desenvolvimento humano de Boa Vista é considerado elevado, marcado por bons indicadores sociais, no entanto, a cidade apresenta grandes disparidades sociais na sua população.

### Situando o projeto de pesquisa

O projeto mapeamento geolinguístico da fala do povo boa-vistense é um recorte do grande projeto “Quem és tu, Roraima: caminhos para a construção do Atlas Linguístico de Roraima- ALiRR” que está sob o escopo do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociolinguísticas de Roraima-NEPSol e que se assenta no trabalho científico coletivo, interinstitucional, partindo de duas linhas de pesquisas, “Sociolinguística em Contextos Diversos” e “Letramento, Diversidade Cultural e Ensino de Línguas”. Este Núcleo abriga professores pesquisadores e alunos da Universidade Federal de Roraima, da Universidade Estadual de Roraima, da Universidade Federal de Sergipe, da Universidade Estadual do Amapá, da Universidade do Rio de Janeiro, do Centro Estadual de Formação de Professores de Roraima e da Secretaria de Estadual de Educação que, em trabalho em rede, visa produzir pesquisas sociolinguísticas e dialetológicas que subsidiem os estudos linguísticos na universidade Federal de Roraima e, sobremaneira, subsidiem a compreensão da sociedade roraimense sobre suas características sociolinguísticas, bem como o ensino de línguas nesse *locus* multicultural que é o Estado de Roraima.

A linha de pesquisa 1, Sociolinguística em Contextos Diversos, na qual este projeto está inserido, tem como objetivo realizar estudos sobre os diversos contextos de atuação da sociolinguística e da dialetologia, visando ao conhecimento da realidade de uso da língua em Roraima, bem como de sua identidade linguística, corroborando assim ao desenvolvimento do conhecimento científico da área no Brasil. Nela estão sendo desenvolvidos trabalhos dialetológicos, como este, além de trabalhos sobre atitudes linguísticas, contato linguístico entre outros, nos níveis de graduação, iniciação científica e mestrado.

Na linha 2, Letramento, Diversidade Cultural e Ensino de Línguas o objetivo é promover estudos e reflexões sobre as práticas de linguagem, diversidade cultural e ensino de línguas em contexto multicultural, bem como suas repercussões positivas ao ensino de línguas e a formação inicial e continuada de professores em Roraima. Nela estão sendo desenvolvidos alguns trabalhos no âmbito de doutoramento e na graduação.

O grupo do NEPSol tem o compromisso de realizar estudos de estudo de variáveis linguísticas diversas que denotam a pluralidade sociocultural, especialmente as regionais, visando contribuir para o fortalecimento dos estudos sociolinguísticos e dialetológicos em Roraima e da identidade do povo roraimense. Pretende-se ainda, promover estudos e reflexões sobre a língua como prática social, enfocando principalmente as práticas de letramento e suas repercussões positivas ao contexto do ensino nos diversos níveis e modalidades, bem como de formação inicial e continuada de professores em Roraima, a fim de colaborar na construção de políticas educacionais e de políticas linguísticas, para a formação de professores e para a elaboração de materiais didáticos.

Considerando o vasto campo de pesquisa existente em Roraima e a necessidade de conhecimento sistemático da realidade geolinguística do boa-vistense, como um recurso científico para entender o contexto linguístico roraimense, o projeto de pesquisa em questão segue a proposta do ALiB, pois pretende descrever a realidade linguística da capital Boa Vista, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas) consideradas na perspectiva da Geolinguística; fazer o registro cartográfico,

descritivo e discursivo das variantes fônicas, morfossintáticas e semântico-lexicais da língua portuguesa falada em Boa Vista; registrar e organizar em mapas, as variantes geolinguísticas- fônicas, morfossintáticas e semântico-lexical da língua portuguesa falada em Boa Vista; fazer registro de discursos livres e examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento — história, sociologia, antropologia, etc. — de modo a poder contribuir para fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa em Roraima e no Brasil

### **Aspectos metodológicos da pesquisa**

O modelo teórico-metodológico que orienta as pesquisas dialetológicas é embasado por campo interdisciplinar compartilhado pela Geografia e pela Linguística. O modelo teórico metodológico adotado pelo NEPSol está ancorado no Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL, 2001) e, toma como um ponto de partida a aplicação de questionários que compreendem:

- Questionário Fonético-fonológico (QFF) com questões de prosódia;
- Questionário Semântico-lexical (QSL);
- Questionário Morfossintático (QMS) com questões de pragmática e metalinguística;
- Leitura de textos.

As entrevistas já realizadas pelo projeto-piloto foram gravadas e depois transcritas. E, seguindo também as orientações das pesquisas da área Geolinguística, foram incluídas perguntas relacionadas ao contexto dos entrevistados, que os levaram a uma narrativa mais livre e que, dessa forma, podem ajudar a subsidiar e ou ampliar a análise dos aspectos sintáticos e discursivos da fala dos entrevistados.

Os campos semânticos e o número de questões serão os adotados pelo Projeto ALiB. Os fatores sociais são importantes para a caracterização da língua dos sujeitos e, tratando-se da importante relação entre a Sociolinguística e a Dialectologia para os estudos dialetais, Cardoso (2010, p. 17) destaca que “as diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto, que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra”. No Mapeamento Geolinguístico da fala do povo boa-vistense, no entanto, houve alteração no perfil dos informantes no que tange à faixa etária dos participantes pelo entendimento de que a aproximação da faixa etária viabilizaria a identificação dos informantes. Assim determinado, e seguindo o critério de variáveis extralinguísticas, o número de informantes por localidade será de oito pessoas:

- 1 homem e 1 mulher de 18 a 30 anos com ensino fundamental;
- 1 homem e 1 mulher de 45 a 60 anos com ensino fundamental;
- 1 homem e 1 mulher de 18 a 30 anos com ensino superior;
- 1 homem e 1 mulher de 45-60 anos com ensino superior.

Dos 56 bairros de Boa Vista, incluindo o centro, foram selecionados 6 pontos de inquéritos, considerando a importância histórica do ponto, a densidade da população, a localização geográfica e a característica da população.

**Tabela 1 – Zonas e bairros**

<b>Zona</b>	<b>Nº de Bairros</b>	<b>Total de habitantes</b>	<b>Bairro da pesquisa</b>	<b>Nº de habitantes do bairro da pesquisa</b>
Norte	6	23.913	Bairro dos Estados	4.639
Sul	5	13.620	13 de Setembro	4.643
Leste	4	4.949	São Pedro	985
Oeste	40	229.454	Buritis Caraná Pintolândia	9.305 9.931 10.990

Fonte: Elaboração própria com base na fonte: Lista de bairros de Boa Vista (Roraima). 2022. Disponível em: [https://pt.everybodywiki.com/Lista\\_de\\_bairros\\_de\\_Boa\\_Vista\\_\(Roraima\)](https://pt.everybodywiki.com/Lista_de_bairros_de_Boa_Vista_(Roraima)). Acessado em 02/03/2023.

Os bairros que fazem parte da pesquisa são: São Pedro, Bairros do Estados, 13 de setembro, Buritis, Caraná e Pintolândia que estão localizados em diferentes zonas conforme tabela anterior.

Nesse sentido, o que se pretende neste trabalho é revelar cientificamente características da fala do boa-vistense, colaborando assim no processo de registro da identidade linguística do povo boa-vistense.

### **Fenômenos fonéticos-fonológicos de destaque: discussão e análises preliminares**

Com base em Cardoso (1999), os estudos dialetológicos, historicamente estão organizados em quatro fases, duas delas delimitadas por Antenor Nascentes. A primeira compreende o período de 1826 a 1920, com a observação do estudo do léxico e de suas especificidades no português do Brasil. Entre dicionários regionais está O Dialeto Caipira de Amadeu Amaral. A segunda fase, de 1920 a 1952, marca o nascimento da Geolinguística, cuja preocupação abarca os aspectos semântico-lexical, fonético-fonológico e morfossintático. Foi elaborada uma metodologia orientada que estendeu-se por estudos monográficos de observação *in loco*, O linguajar carioca, 1924, de Antenor Nascentes e A língua do Nordeste, 1934, de Mário Marroquim fazem parte das obras que representam essa fase dos estudos dialetológicos.

Nos anos 1952 a 1963, a terceira fase inicia-se com a construção do Atlas linguístico do Brasil, precisamente foram constituídos os documentos legais, tais como o Decreto da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa; a Portaria que regulamenta o Atlas linguístico do Brasil; os Guias de estudos e instruções para pesquisadores. Estes documentos criaram bases e metodologias para a pesquisa dialetológica. Começam os estudos de Geografia linguística com Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi. A terceira fase data de 1963, com a publicação do Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), de Nelson Rossi. Naquele momento, o autor chama atenção para a natureza contextual da Dialetoлогия e afirma que “o fato apurado num ponto geográfico ou numa área geográfica só ganha luz, força e sentido documentais na medida em que se preste ao confronto com o fato correspondente - ainda que por ausência - em outro ponto ou outra área.” (ROSSI, 1963, p. 88-89).

A quarta fase inicia-se em 1996 até os dias atuais, proposta por Mota e Cardoso (2006) e abalizada pela implantação do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Mota e Cardoso (2005, p. 6) esclarecem que esta fase abarca os princípios da Sociolinguística e

abandona “a visão monodimensional – monoestrática, monogeracional, monogenérica, monofásica etc. – que predominou na Geolinguística hoje rotulada de “tradicional”.

Nessa fase, a Dialetoлогия encontra-se com a Sociolinguística, visto que ambas estudam a língua em contexto social. Embora a segunda esteja voltada para o estudo dos sistemas linguísticos relacionados a fatores sociais, também complementa a primeira, cujos estudos estão voltados para os dialetos em contexto geográficos, de natureza diatópica. Respeitando essa relação positiva entre as ciências, estudos nesse mote têm se firmado nas academias e despertando pesquisadores em busca do retrato das variações linguísticas. É nesse sentido que os pesquisadores buscam identificar as peculiaridades de uso de uma língua pelos falantes, as quais podem estar ligadas às mais diferentes variáveis.

As mudanças na fala das pessoas acontecem a todo o momento nas mais variadas formas, nos níveis da morfologia, sintaxe ou fonologia da língua, ou ainda variações pragmáticas - fenômenos que incluem implicatura, atos de fala, relevância e conversação, além da comunicação não-verbal. Esses processos podem ser analisados à luz da diacronia, estudo das palavras em seu aspecto histórico, como a evolução do latim para o português; ou à luz da sincronia, ou seja, estudam-se palavras que tenham se modificado por alguma influência, ou comparam-se palavras de diferentes momentos da história, mas que ainda estão em uso pelos falantes.

Neste trabalho, volta-se a atenção aos processos fonético-fonológicos do português brasileiro (PB) que são relevantes para a identificação de três fenômenos observados na coleta piloto do falar boa-vistense: a monotongação a ditongação e a palatalização. As subseções a seguir apresentam breves revisões de literatura acerca do tema que está organizado por fenômeno.

Para a análise desses fenômenos no português falado em Roraima, tomam-se os dados referentes à pesquisa-piloto realizada em Boa Vista, capital de Roraima, pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociolinguísticas de Roraima (NEPSol-RR). Nela fez-se recortes dos seguintes questionários que compõem o documento de coleta de dados do Projeto ALiB: Questionário Fonético-Fonológico (QFF), Questionário Morfosintático (QMS), Questões de Pragmática e Perguntas Metalinguísticas, e entrevista semidirigidas.

Neste trabalho, serão apresentados resultados da seguinte amostra: 1 homem de 45-60 com ensino fundamental e uma mulher de 45-60 com ensino superior; 1 mulher de 18-30 com ensino superior e 1 homem de 45-60 com ensino fundamental. Trata-se de uma estratégia dos autores para triangular resultado entre faixas etárias, escolaridade e sexo, considerando o tamanho da amostra.

### *A monotongação*

O processo fonético-fonológico da monotongação ocorre com a redução de um ditongo a uma vogal. Aragão (2014) aponta diferentes razões para o fenômeno, que pode ser uma acomodação por assimilação, ou um traço de identidade do dialeto.

Dubois (2011, p. 418) define ditongação como “a passagem de um ditongo ou de um tritongo a um monotongo, como a redução em latim de [oe] a [e] (/poenam/ → /penam/ → “pena”); de [ae] a [E] (/káelum/ → /kElum/ “céu”); de [au] a [O] (/áurum/ → /Orum/ → or, “ouro”, em francês)”.

Aragão (2014) analisa o falar fortalezense e percebe significativa ocorrência de fenômenos de monotongação como em ‘caixa’, ‘baixa’, ‘faixa’ /aj/ > /ɐ/ [ˈkaj.ʃɐ], [ˈbaj.ʃɐ], [ˈfaj.ʃɐ], entre outros, característica do português brasileiro como um todo. A pesquisa conclui que as ocorrências observadas nos processos de monotongação não são



fenômenos apenas do dialeto cearense, são também de outras regiões do país, especialmente nas nove capitais nordestinas pesquisadas.

Este autor destaca que os estudos sobre a monotongação são feitos por autores desde os mais tradicionais aos mais modernos e acrescenta as seguintes considerações:

O estudo do processo de monotongação dos ditongos orais tônicos /aj/, /ej/ e /ow/ na descrição do português falado no Brasil tem sido feito por pesquisadores usando *corpora* de diferentes regiões do país, com bases teóricas que vão desde a gramática tradicional, ao estruturalismo, à fonologia de uso, à geometria de traços, à fonologia probabilística até a teoria da otimidade conexionista. Tais trabalhos têm enfoques dialetais e sociolinguísticos, com controle de variáveis linguísticas e diatópicas, diastráticas, diageracionais, diasssexuais e socioculturais. (ARAGÃO, 2014, p.81.)

No caso desta pesquisa, os dados apresentados foram coletados nos bairros já determinado, atendendo a fatores internos e externos à língua, conforme já descritos na metodologia.

No Quadro a seguir indicam-se as realizações de fala de dois dos perfis pesquisados.

**Quadro 1 – Processo de monotongação**

INFORMANTE	SEXO/GÊNERO	IDADE	ESCOLARIDADE	OCORRÊNCIAS DE MONOTONGAÇÃO
				Em ditongos orais decrescentes:
1A	Masculino	48 anos	Ensino fundamental	bandeira → ‘bandera’ [bã'de.rɐ] beijar → ‘bejar’ [be.'zah] canteiro → ‘cantero’ [kã'te.ru] peixe → ‘pexe’ [ 'pe.ji] touro → ‘tôro’ [ 'to. ru] sujeira → ‘sujera’ [su.'ze.rɐ] aleijado → ‘alejado’ [a. le.'za.du] tornozeleira → ‘tornozelera’ [toh.no.ze.'le.rɐ] coceira → ‘cocera’ [ko'se. rɐ] pedreiro → ‘pedreiro’ [pe. drej.'ru] soube → ‘sobe’ [so.'bi]
1B	Feminino	46 anos	Ensino superior	bandeira → ‘bandeira’ [bã'dej.rɐ] beijar → ‘bejar’ [be.'zah] canteiro → ‘cantero’ [kã'te.ru] touro → ‘tôro’ [ 'to. ru] sujeira → ‘sujera’ [su.'ze.rɐ] aleijado → ‘alejado’ [a. lej.'za.du] ~[a. le.'za.du] (realização duas pronúncias: ‘alejado’ e ‘alejado’) tornozeleira → ‘tornozelera’ [toh.no.ze.'le.rɐ] coceira → ‘coceira’ [ko'sej. rɐ] pedreiro → ‘pedreiro’ [pe. drej.'ru] soube → “soube” [so.bi]

Fonte: Elaboração própria com base nos dados coletados.

É importante que se faça algumas ponderações contextuais antes de partir para as análises das ocorrências mostradas.

Sabe-se que algumas pessoas pouco ou não escolarizadas normalmente apresentam certo receio de falar em público, dar entrevistas ou responder a perguntas. Sentem-se

constrangidas e muitas vezes, creem que falam “errado”. Por outro lado, as pessoas quanto mais escolarizadas têm mais facilidade de monitorar-se enquanto falam e terminam moldando-se ao contexto de fala mais formal, na intenção de “encobrir”, por exemplo, seu sotaque.

Essa observação se faz pertinente porque esse fato pode alterar o resultado de uma pesquisa neste mote. Assim, é possível inferir que o entrevistado 1B teve mais condições de alterar a sua pronúncia, se adequando ao modo de fala mais formal da língua porque tem nível superior, enquanto 1A tem nível fundamental. Considerando que os informantes responderam ao mesmo questionário, poder-se-ia refutar a hipótese de que mais escolarizada, a pessoa fala com mais cuidado, monitorando a língua. No entanto, quando confrontados os informantes 1A e 1B, cujas características de perfil se diferenciam nas variáveis sexo/gênero e nível de escolaridade, percebe-se que não há diferença tão acentuada entre os dois. 1B não produziu a monotongação apenas em três das onze palavras indicadas.

1B, que têm o ensino superior completo, também produziu o fenômeno da monotongação, e apesar de não tê-la praticado em algumas palavras, não podemos afirmar que essa informante “pratica com menos frequência” o fenômeno. Observa-se que os informantes 1A e 1B têm mais de 40 anos, são da segunda faixa etária e, de fato, praticam os fenômenos quase que de forma igualitária.

Compreende-se que, nesse estudo, as variáveis, sexo/gênero e escolaridade podem não ser determinantes para a produção ou não de monotongação. Por estarem em contexto de entrevista, mesmo que informal, os informantes praticaram certo monitoramento. Porém, em momentos de mais “descontração” ou quando falaram a respeito da família, esses informantes permitiram que viesse à tona o seu vernáculo e foi nesse momento que se percebeu a prática dos fenômenos.

Percebeu-se que houve certa dificuldade para o informante com ensino fundamental completo de responder às perguntas, talvez causado por fatores como o nervosismo, o receio de responder às questões de forma “errada”, por não ter o hábito do monitoramento da fala ou pela falta de familiaridade com o inquiridor.

### *A ditongação*

Para Dubois (2011, p. 202), ditongação é uma mudança que “se deve à segmentação de uma vogal em duas partes, formando uma única sílaba, ou à redução de um hiato a um ditongo. As vogais latinas [e] e [o] sofreram ditongação em italiano, francês e espanhol.

A maior parte dos vocábulos românicos resultou da vocalização das consoantes, da redução de hiatos latinos, da redução de hiatos resultantes de síncope consonântica e de metáteses vocálicas. Em português exemplifica-se: “lat. /me-u/ > port. /meu/; lat. /factu/ > port. /feito/; lat. /malu/ . port. /mau/; lat. /bene/ > port. /be-e/ > pot. /bem/ pron. [bey]; lat. /primariu/ > lat. /pri-mai-ru/ > pot. /primeiro/ (DUBOIS, 2011, p. 202)”.

Os processos fonológicos normalmente estão ligados à assimilação dos sons dentro do mesmo ambiente, ou seja, dentro da palavra os sons se parecem mais do isoladamente. Câmara Junior (1986, p.100) conceitua o processo como “[...] mudança fonética que consiste na formação de um ditongo sistemático a partir de uma vogal simples”. Na mesma direção, Lucchesi e Ribeiro (2009, p. 1107) entendem a ditongação “como um fenômeno essencialmente fonético, cuja realização acontece na fala; estando, portanto, sujeita a variações sociolinguísticas (linguísticas e extralinguísticas).” Os pesquisadores reafirmam que variação é um processo sociolinguístico, portanto sujeito a influências linguísticas e extralinguísticas, “a exemplo do tamanho do vocábulo, do contexto

fonético, da escolarização, do nível de registro de fala etc” (LUCCHESI; RIBEIRO, 2009, p. 1107).

Comparando os processos de monotongação e ditongação, vê-se que na definição do processo na ditongação acontece o inverso da monotongação, enquanto o primeiro sofre uma redução de elemento fônico, o segundo recebe mais um elemento. Segundo Machado (2012), a semivogal [j] tem mais frequência em ocorrência que a semivogal [w], e que o processo de ditongação se realiza com a inclusão de um glide anterior pós vogal e seguida de uma fricativa, exemplo /arroz/ > ‘arroiz’ [a.'hojs]; /doze/ > ‘douze’ [dow.zi]; /nascer/ > ‘naiscer’ [naj.'seh].

Em estudo sobre o processo de ditongação no Pará, Razky e Farias (2012) analisam a distribuição fonética do ditongo <ej>, uma vez que para os autores essa “é uma das formas que mais sofrem variação, em especial do ponto de vista de suas restrições estruturais (RAZKY; FARIAS, 2012, p. 96). Como resultado da pesquisa, os autores destacam que:

[...] observamos que esta (fonética do ditongo <ej>) não é aplicada em todo o Estado, fato que parece estar concentrado na cidade de Bragança [...]. Percebemos também que os fatores estruturais são determinantes para a realização monotongada ou plena da variável neste Estado brasileiro [...]. Com relação aos fatores sociais, estes se mostraram frágeis para determinar a monotongação ou a realização plena de <ej> no português falado no Pará. (RAZKY; FARIAS, 2012, p. 114).

Em estudo sobre o processo de ditongação em sílabas fechadas por /S/ nas capitais brasileiras, Sanches e Pereira (2020) destacam que em Boa Vista, conforme dados do Projeto ALiB, houve um percentual total de 28% das realizações fonética do ditongo de vogais diante do /S/, o que corresponde a um peso relativo de 0,62.

Como se pode ver, os estudos sobre o processo de ditongação são muito produtivos e por isso, espera-se futuramente confrontar esse dado com os futuros estudos realizados pelos pesquisadores do NEPSol, já que neste trabalho ainda não se tem informações suficientes para comprová-los ou refutá-los.

Nesta seção, serão analisadas as ocorrências desse fenômeno a partir da comparação entre sujeitos da mesma idade, mas de sexo/gênero e escolaridade diferentes conforme dados organizados no quadro 2.

O quadro a seguir indica as realizações de fala de dois dos perfis pesquisados.

Quadro 2 – Processos de ditongação

INFORMANTE	SEXO/ GÊNERO	IDADE	ESCOLARIDADE	OCORRÊNCIAS DE DITONGAÇÃO	
				Ditongação da vogal nasal 'en'/ẽ/	Ditongação das vogais orais 'a', 'e', 'o' e 'u', seguida do fonema /s/
2A	Masculino	48 anos	Ensino fundamental	dente→deinti [ 'dẽjtʃi]	dez → 'deiz' [ 'dejs] luz → 'luiz' [ 'luis] paz → 'paiz' [ 'pais] surdez→'surdeiz' [suh.'deis] voz → 'voiz' [ 'vois] vocês → 'voeis' [vo.'seis] nós → 'nóis' [ 'nois] pôs → 'pois' [ 'pois] rapaz → 'rapaiz' [ra.'pais]
2B	Feminino	46 anos	Ensino superior	dente→deinti [ 'dẽjtʃi]	dez → 'deiz' [ 'dejs] luz → 'luiz' [ 'luis] paz → 'paiz' [ 'pais] surdez→'surdeiz' [suh.'deis] voz → 'voiz' [ 'vois] vocês → 'voeis' [vo.'seis] nós → 'nóis' [ 'nois] pôs → 'póis' [ 'pois] rapaz → 'rapaiz' [ra.'pais]

Fonte: Elaboração própria com base nos dados coletados.

Para a primeira análise, toma-se pares de informantes: o primeiro 2A, e o segundo 2B e conforme se observa no quadro anterior, percebe-se que não há diferença de pronúncia entre os informantes 2A e 2B. Ambos apresentam dez realizações da ditongação. O resultado dos dados indica que a variável escolaridade para 2B não foi determinante.

Considerando a ditongação das vogais orais "a", "e", "o" e "u", seguidas de /s/, realizado pelos dois entrevistados, pode-se dizer que o fenômeno pode não configurar marca do falar específico de Boa Vista, visto que em outros estados do país o processo também ocorre com regularidade, como mostra Leite, Callou e Moraes (2003), em pesquisa no estado do Rio de Janeiro.

Um fenômeno menos comum foi observado na fala dos informantes: A ditongação da vogal nasalizada /e/ da palavra **dente** → deinti [ 'dẽjtʃi]. Esse caso da ditongação é ocorrência essencialmente da fala, pode levar a inferência de marca da fala menos elaborada para ambos os informantes, embora se esperasse que o informante 2B, que tem nível superior, fizesse monitoramento da fala.

Vale ressaltar que durante a entrevista (minuto 49:38), o informante 2A praticou o fenômeno de ditongação da vogal /a/ seguida do arquifonema /S/: faz → "faiz", porém em um outro momento (minuto 52:24) o informante pareceu praticar um certo monitoramento e pronunciou 'faz' [ 'fas] e não 'faiz' [fajs]. Isso mostra preocupação do informante em está diante de uma entrevista, como já descrito na seção anterior.

De forma geral, os dados aqui apresentados indicam que a escolarização não foi determinante para menor realização da variação fonética, pois em termos quantitativos, o

informante 2B produziu a mesma quantidade de variação que o informante 2A. Pretende-se, com as análises futuras, confirmar ou modificar essa percepção.

### *A palatalização*

O processo fonético-fonológico Palatalização é recorrente na língua portuguesa e surge pelo processo de assimilação de sons no ambiente da palavra. Conforme Dubois (2011, p. 48-49), “é a assimilação sofrida por certas vogais e consoantes em contato com um fonema palatal: a realização do fonema /k/ no fr. qui ou no pot. quilo é uma consoante pós-palatal sob influência da vogal /i/, foneticamente muito diferente do /k/ de cou ou de cume”. Com base em Teyssier (1997), a palatalização das consoantes oclusivas /t, d/ diante da vogal alta /i/ trata-se de um aspecto inovador da fonética brasileira, em relação ao português europeu.

Battisti e Hermans (2016) apud Kochetov (2011) definem a palatalização como o processo fonológico pelo qual consoantes adquirem articulação secundária palatal ou mudam seu ponto de articulação primário para a região palatal ou proximidades, geralmente sob influência de uma vogal anterior adjacente, destacando que a característica articulatória da vogal alta, anterior, fechada e não arredondada /i/ de ser palatal é o que faz os fonemas alveolares /t/, /d/ mudarem seu ponto de articulação para palatal. Assim, a vogal alta /i/ atrai para si as consoantes alveolares /t/, /d/ que acabam por adquirirem um ponto de articulação palatal.

Estudos de palatalização comprovam que grande parte dos estados brasileiros realizam o fenômeno, como mostra o Projeto ALiB, no português brasileiro (PB), a palatalização das consoantes /t/, /d/ diante da vogal /i/ tem aplicação categórica na maior parte das capitais brasileiras (CARDOSO et al., 2014). No PB, a vogal anterior alta /i/, seja ela subjacente ou derivada da vogal anterior média-alta /e/ em sílabas átonas, é o gatilho para que as consoantes-alvo /t,d/ palatalizem resultando nas africadas alveopalatais [tʃ, dʒ] (BATTISTI E HERMANS, 2016).

Evangelista (2018, p. 93) em pesquisa no estado do Amazonas, comprovou que em Manaus há expansão da palatalização e pontua que em outras regiões do país, “a palatalização ocorre somente como oclusivas, /t/ que vai para [tʃ], /d/ que vai para [dʒ], /k/ que vai para [kʃ] e /g/ que vai [gʃ] no contexto seguido pela vogal /i/. Na fala manauara se estende também para a nasal /n/ e a lateral /l/, ambas alveolares”.

Nesse viés, levantou-se a hipótese de que o uso das variantes palatais [tʃ] e [dʒ] diante da vogal alta /i/ é comum a todos os informantes, o que foi comprovado na amostra em análise, pois todos os sujeitos pesquisados fazem a palatalização dos fonemas /t/ e do /d/ diante da vogal alta /i/.

No quadro a seguir indicam-se as realizações de fala de dois dos perfis pesquisados

**Quadro 3 – Processo de Palatalização**

INFORMANTE	SEXO/ GÊNERO	IDADE	ESCOLARIDADE	OCORRÊNCIAS DE PALATIZAÇÃO
				Com os fonemas /t/ e /d/ diante da vogal alta [i]
3A	Feminino	26 anos	Ensino superior	dente → denti ['dẽ.tʃi] iogurte → iogurti [ɿ.o.'guh.tʃi] noite → noiti ['noj.tʃi] verdade → verdade [vẽh'da.dʒi]
3B	Masculino	46 anos	Ensino fundamental	dente → denti ['dẽ.tʃi] iogurte → ioguti [ɿ.o.'gu.tʃi] noite → noiti ['noj.tʃi] verdade → verdade [vẽh'da.dʒi]

Fonte: Elaboração própria com base nos dados coletados

Parte-se da hipótese de que o fenômeno da palatalização das consoantes oclusivas /t/ e /d/ ocorre diante da vogal alta /i/ no português falado pelo boa-vistense e, portanto, foi checada se a hipótese seria ou não confirmada. Para chegar a um resultado preliminar, analisou-se a pronúncia dessas consoantes oclusivas nas palavras “dente, iogurte, noite e verdade” provindas do QFF.

Notou-se variação na pronúncia de algumas das quatro palavras: o informante 3A pronunciou [ɿ.o.'guh.tʃi], realizando plenamente o fonema /r/, o informante 3B pronunciou [ɿo'gutʃi], realizando a síncope do fonema /r/. Mas de modo geral, em todos os casos apresentados na amostra houve a palatalização das consoantes oclusivas /t/, /d/, pois a vogal média-alta /e/ em posição de sílaba átona, sofre o alçamento e passa a ser articulada como /i/. Esses dados indicam que os boa-vistenses pesquisados fazem o processo de palatalização em qualquer ambiente.

Percebe-se que, ao analisar os dados, que o [t] e o [tʃ] são alofones de /t/ no português boa-vistense, utilizando-se o fone [tʃ] antes da vogal [i] e [t] antes das demais vogais; o mesmo caso ocorre com [d] e [dʒ], utiliza-se o fone [dʒ] antes da vogal [i] e [d] antes das demais vogais. Dessa forma, os resultados desta pequena amostra levam à proposição de que há o uso frequente das variantes palatais [tʃ] e [dʒ] diante da vogal alta /i/ no português falado pelos informantes da pesquisa, o que pode indicar que esse quadro em Roraima se assemelha ao verificado por Souza e Mota (2008) nas capitais São Luís-MA, Fortaleza-CE, Salvador-BA; e por Evangelista (2018) em Manaus-AM. A ampliação da pesquisa pode confirmar ou refutar esse resultado

Essa pequena amostra de dados provoca a necessidade de incremento de estudos pragmáticos mais complexo em Roraima. É por meio de estudos da pragmática que se identificam as escolhas dos falantes, observando as relações e influências recebidas no meio. Para o linguista, é importante saber por que se deu uma variação; busca-se cada fenômeno para entender se tal produção fonológica interfere na decodificação da mensagem; se uma variação que está associada a uma comunidade de falantes tem impacto para um ouvinte ou falante da mesma língua, mas que faz parte de outra comunidade, estados diferentes por exemplo. Nas pesquisas com falantes em seu ambiente natural, é possível obter-se fidelidade nas informações e tecer considerações capazes de identificar o falar da comunidade pesquisada.

### Considerações finais

Este trabalho teve o objetivo de apresentar brevemente o projeto de mapeamento geolinguístico da fala do povo boa-vistense que é recorte do grande projeto “Quem és tu, Roraima: caminhos para a construção do Atlas Linguístico de Roraima- ALiRR” que, por sua vez, está sob o escopo do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociolinguísticas de Roraima-NEPSol. Também expõe dados preliminares da fala do povo boa-vistense sobre três processos fonético-fonológicos: monotongação, ditongação e palatalização.

Quanto aos processos de monotongação e ditongação, pode-se afirmar que de fato as comunidades de fala relativas a profissões, a família e as interações sociais mais complexas exerceram influência significativa nas respostas dos informantes, foram perceptíveis os casos de autocorreção da fala, pela ciência da entrevista, e que os fenômenos não são marcas do falar específico de Boa Vista, visto que em outros estados do país o processo também ocorre com regularidade.

Nessa amostra da pesquisa, o processo de palatização deu-se em todos as entrevistas, independente das variáveis adotadas. As análises mostram que vogal, anterior, alta /i/ na fala do boa-vistense em ambiente de assimilação dos fonemas alveolares /t/ e /d/ influenciam transferindo o seu traço palatal para os demais fonemas, produzindo a palatização, como mostram pesquisas de outros estados também.

Espera-se que este trabalho inicial sobre a fala do povo boa-vistense possa suscitar o interesse de outros pesquisadores, da comunidade acadêmica na discussão do tema e que aponte na direção da ampliação desse projeto ou provoque novos estudos e projetos na área. Embora seja um estudo ainda embrionário, contribui para conhecimento linguístico da fala do povo boa-vistense e do povo brasileiro.

## Referências

ARAGÃO, M. S. S. **Ditongação x monotongação no falar de Fortaleza**. Graphos, João Pessoa, vol.5, n.1, 2014, p. 109-122, dez.

BATTISTI, E.; HERMANS, B. .Palatalização no português brasileiro e nas línguas do mundo: motivação estrutural, seleção de gatilhos e alvos. **Revista Linguística**, vol.32 no.1 Montevideo jun. 2016: 61-75ISSN 2079-312X en línea, ISSN 1132-0214 impresa.

CÂMARA JUNIOR, J. M. Dicionário de linguística e gramática: referente à língua  
CARDOSO, S. A. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, S. A. M. 2005. Atlas Linguístico de Sergipe-II, Salvador, EDUFBA.

CARDOSO, S. A. M. da S. et al. **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: Eduel, 2014.

CARDOSO, S. A. M.. A Dialectologia no Brasil: Perspectivas. In **DELTA** vol.15 special issue São Paulo: 1999. ISSN 0102-4450.

COMITE NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Atlas Linguístico do Brasil:** questionários. Londrina: UEL, 2001.

DUBOIS, J; GIACOMO, M.; GUESPIN, L.; MARCELLESI, J.; EVANGELISTA, C.  
S. **A palatalização das alveolares e velares no contexto de /i/ na Fala Manauara**. Dissertação (Letras e Artes) - Universidade do Estado do Amazonas. Manaus: 2018. 140 f.: il.; 30 cm.

FREITAS, A. **Geografia e História de Roraima**. 9 ed. Boa Vista-RR: IAF, 2017.  
 GALDINO, L. K. A. **Roraima: da colonização ao Estado**. 1ª ed. Boa Vista: UERR  
 Edições, 2017. (Tomo 1).

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. <https://cidades.ibge.gov.br>.  
 Acesso em 19 de maio de 2023.

LEITE, Y.; CALLOU, D.; MORAES, J. Processos em curso no português do Brasil: a  
 ditongação. In: HORA, D.; COLLISCHONN, G. (Org.). Teoria linguística: fonologia e  
 outros temas. João Pessoa: Universitária, 2003. p. 232-250.

LUCCHESI, D., and RIBEIRO, I. Teorias da estrutura e da mudança linguísticas e o  
 contato entre línguas. In: LUCCHESI, D., BAXTER, A., and RIBEIRO, I., orgs. O  
 português afro-brasileiro. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 125-153. ISBN 978-85-232-  
 0875-2. Available from SciELO Books.

MACHADO, R. Ditongo. In: HORA, D.; PEDROSA, J. (Orgs.). Introdução à  
 Fonologia do Português Brasileiro. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012, p.161-182.

MORAIS, R. P.; VERAS, A. T. R. **O Plano urbanístico da cidade de Boa Vista, RR  
 Aplicado à disciplina de geografia no ensino médio**. Revista Eletrônica Geoaraguaia.  
 Barra do Garças-MT. V 4, n.2, p 26 - 50. Julho/Dezembro. 2014

MOTA, J.A.; CARDOSO, S.A.M.; PAIM, M.M.T.(Orgs). **Projeto Atlas Linguístico  
 do Brasil: Vozes do X Workalib- amostras do português brasileiro**. Salvador: Vento  
 Leste, 2012.

RAZKY, A.; FARIAS, M.A. R. A distribuição do ditongo <ej) no estado do Pará. In:  
 SANCHES, R. D.; PEREIRA, A.N. **Ditongação de vogais diante de /S/ no português  
 falado no Amapá**. Revista Porto das Letras, Vol. 06, Nº 01. 2020.

SOUZA, M. P. de; MOTA, J. A. O que *podí* ou *podji* esta língua: as consoantes  
 oclusivas /t,d/ diante da vogal alta /i/ em dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil.  
 In: AGUILERA, V. de A.; ALTINO, F. C.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). **Atlas  
 Linguístico do Brasil: descrevendo a língua, formando jovens pesquisadores**.  
 Londrina: Ed. da UEL, 2009, p. 66-71.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. Trad. Celso Cunha. São Paulo: Martins  
 Fontes, 1997.

TRASK, R. L. **Dicionário de Linguagem e Linguística**. Tradução Rodolfo Ilari. 3ª ed.  
 1ª Reimpressão. São Paulo Contexto, 2018.

VERAS, A. T. R. **A produção do espaço urbano de Boa Vista – Roraima**. 2009. 236  
 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências  
 Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

*Recebido em 15 de julho de 2023*

*Aprovado em 10 de outubro de 2023.*